

APRESENTAÇÃO

A revista *Em Tese*, no número 1 do volume 26, propõe uma conversa com o SPLIT (Seminário de Pesquisa Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG), cuja nona edição recebeu, em 2019, trabalhos em torno de “Literaturas e sociedades: diálogos e diferenças”. O dossiê deste número especial, adotando o mesmo tema, buscou reunir artigos acerca de modos como a criação literária – em suas diversas manifestações: orais e escritas; líricas, épicas, dramáticas e ensaísticas – pode cooperar para a construção de relações sociais que acolham e fomentem diálogos entre diferenças. Essa reflexão abrange questões várias. Por exemplo, como a produção literária, em sua multiplicidade de formas e temas, pode reforçar o combate a crenças, ideias e práticas autoritárias, homogeneizadoras? De que modos as literaturas são capazes de colaborar para (re)criar, visibilizar e fortalecer, democraticamente, grupos e ações politicamente minoritários? Em um horizonte ético-teórico mais amplo, quais as possíveis contribuições da obra literária e dos Estudos Literários para a definição e a transformação de códigos e práticas sociais, especialmente no Brasil contemporâneo? Foram bem-vindos não apenas trabalhos sobre obras que tensionassem ou recusassem espaços (ou espacialidades) segregadores, mas também reflexões acerca de textos articuladores ou propositores de uma

sociedade segregadora, (re)produtora de “falsas” diferenças ou, simplesmente, avessa a diferenças.

Na seção **Dossiê**, contamos com a contribuição conjunta de Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo e Laísa Marra, sob o título de “Literatura Afro-brasileira: textualidade e corporeidade”. Fazendo uma revisão dessa dimensão específica da literatura brasileira, as autoras oferecem um panorama a um só tempo amplo e crítico dos debates relacionados ao conceito de literatura afro-brasileira ou negra. Esse texto constitui um aporte fundamental para uma boa reflexão sobre o discurso hegemônico voltado à literatura brasileira, suscitando oportunidades para ampliar, tensionar e questionar o campo literário em sua conformidade contemporânea no Brasil. Em “Entre o histórico e o ficcional: a sombra dos documentos em *Fe en disfraz*, de Mayra Santos-Febres”, as pesquisadoras Júlia Morena Costa e Eliene Santana dos Santos revisitam a violência de um passado escravocrata da América Latina, analisando a presença do real na narrativa romanesca da autora porto-riquenha. O ensaio busca ressignificar a presença da mulher negra, tanto na historiografia quanto na ficção, a partir da chave da dignidade. Por sua vez, Isabella Lisboa, em “Svetlana Aleksievitch e as mulheres do front: os estados e os corpos femininos do texto”, investiga o contexto de criação da obra *A Guerra não tem rosto*

de mulher, realizando um trabalho crítico norteador para a leitura de Aleksiévitich a partir da evocação dos discursos que perpassam o liame entre memória e literatura, diante da perspectiva do testemunho enquanto possibilidade de recuperar as narrativas dos sujeitos silenciados.

Ainda no **Dossiê**, Letícia Campos de Resende, no texto “*Rap global*, de Boaventura de Sousa Santos: tradução e teoria postas em jogo na ficção”, especula sobre as estratégias adotadas pelo autor português quando transcribia suas postulações acadêmicas a partir de uma nova chave de leitura: um poema escrito em forma de rap. A pesquisadora propõe que tal iniciativa é capaz de construir pontes entre realidades e experiências dissonantes, com o intuito, nesse caso, de criar laços de resistência contra-hegemônica. Alexandre Miguel da Silva, no artigo “A metaliteratura, o hipertexto e as interartes em *Bonsai*, de Alejandro Zambra”, discute as relações entre arte e natureza a partir das imagens do jardim e da estufa trabalhadas no romance de Zambra. Os meios de produção de um livro acompanham, em reflexões sob a

ótica do conceito de metaliteratura e hipertexto, a figura do bonsai como elemento que acessa o trabalho humano em seu perímetro de transformação do que se entende por natureza. No artigo “Ficção e socialização: uma metáfora em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos”, Henrique Carvalho Pereira apresenta um relevante aporte para a ampla fortuna crítica do escritor alagoano. Em uma perspectiva retórica, baseada em uma interpretação assinada por Paul de Man sobre um texto de Jean-Jacques Rousseau, Pereira analisa um trecho em que o personagem Fabiano, hesitando quanto à sua própria denominação metafórica, vai de “homem” a “bicho”. Afastando-se de certa leitura canônica, representada por críticos como Antonio Candido e Marli Fantini Scarpello, o estudo propõe outro modo de inter-relacionar o ficcional e o político.

Na seção **Ensino de Literatura**, Erick Gontijo Costa, no artigo “O processo de significação e seus limites: leitura e ensino de poesia”, reflete sobre as preferências textuais de leitores em formação escolar e universitária. Com base em

teorias sobre o gênero poético, o autor propõe abordagens metodológicas que tensionam um ensino investigativo exigente e ensaístico, visto que a poesia exige, de docentes e discentes, um incessante exercício metamórfico, capaz de lidar com as potências da formação de sentido e seus limites de não-sentido. Por sua vez, Rafael Silva aproxima as políticas do contemporâneo aos Estudos Clássicos no texto “Uma introdução ao estudo da Antiguidade grega: Do ensino de cultura ao ensino de língua e literatura”. Com base em uma extensa revisão bibliográfica, o pesquisador defende os estudos da tradição clássica alicerçados em três eixos: (a) aspectos essenciais da cultura grega antiga; (b) elementos básicos da morfossintaxe do grego antigo; (c) a formação dos gêneros literários na Grécia Antiga e suas principais características.

Na seção **Teoria, Crítica Literária, Outras Artes e Mídias**, Rodrigo do Prado Bittencourt oferece uma análise de dois romances russos modernos, concentrando-se no tema da angústia tal como desenvolvido por Dostoiévski e Andreiev.

Para isso, o estudioso concentra-se nas obras *O eterno marido* e *Os sete enforcados*, mostrando suas diferenças no que diz respeito ao tema escolhido, embora leve em consideração ainda outras obras literárias escritas desde o século XIX até o início do século XX na Rússia. Dado seu recorte, concentrado num tema importante para a intelectualidade desse contexto, o estudioso aborda a partir dos enredos dessas obras ainda questões filosóficas e sociológicas. O título de seu artigo é “A angústia em Andreiev e Dostoiévski: duas experiências opostas”. Por sua vez, Isaque Moura Gonçalves Neto investiga um importante autor cubano em “A experiência do exílio e o paradigma da destruição da memória em *A casa dos naufragos*, de Guillermo Rosales”. Com base em ideias apresentadas por Clément Rosset, Paul Ricoeur, Yi-Fu Tuan e Stuart Hall, o pesquisador busca compreender de que modo o romance analisado, ao tematizar o exílio, indica como este pode impactar a identidade e a memória individual do sujeito.

Na mesma seção da *Em Tese*, um dos principais autores vinculados ao surrealismo é tema do artigo “A vocação do

fogo: a imaginação material na Noite do Girassol, de André Breton”. Apoiando-se na teoria dos quatro elementos (ar, fogo, terra e água) proposta por Gaston Bachelard, Henrique Gambi busca analisar de que modo imagens associadas ao fogo e à água participam do desvelar dos acontecimentos tecidos no episódio citado no título, pertencente ao livro *Amor louco*. Segundo Gambi, Breton salienta uma reunião entre elementos contraditórios e delineia o surrealismo como “experiência a ser vivida no cotidiano”. Já em “Poesia e filosofia em Richard Rorty”, Bruno Henrique Alvarenga Souza traz quatro ensaios do filósofo para mostrar como ele progride em suas análises sobre a poesia. No texto, é possível acompanhar a ideia de Rorty de que a poesia aborda a vida de uma forma superior à da filosofia – ideia que é colocada em contraste com vários outros filósofos e teóricos – e como ela foi se solidificando. O último trabalho publicado em vida pelo filósofo é trazido aqui como uma maneira de sintetizar suas ideias sobre o tema da verdade, trabalhado em sua obra.

Ainda na seção **Teoria, Crítica Literária, Outras Artes e Mídias**, dois dos mais importantes intelectuais brasileiros têm seus pensamentos revisitados em “A modulação da ideia de ‘formação do Brasil’ na crítica literária: continuidades e divergências entre Antonio Candido e Roberto Schwarz”. Neste artigo, Fernando Cambauva Breda considera que Candido e Schwarz coincidem na centralidade que conferem à noção de “formação nacional”, mas ressalva que eles não a concebem segundo um mesmo horizonte histórico. Desse modo, o pesquisador, remetendo-se a extensa bibliografia, questiona a tese de que Schwarz seja um continuador de Candido. Vários pontos de contato podem ser definidos entre o trabalho de Breda e outro artigo, “O conceito de forma literária de Antonio Candido”, de Elvis Paulo Couto. Por exemplo, ambos os trabalhos incluem, entre os textos analisados, o ensaio “Dialética da malandragem”, constante do livro *O discurso e a cidade*; também Couto retoma ideias de Schwarz. Porém, o objetivo agora é bem distinto: mostrar que Candido, construindo uma trajetória singular entre as

abordagens historicista e formalista do texto literário, propõe uma noção de forma ou estrutura heterodoxa. Também com foco na literatura brasileira, Alice Vieira Barros assina “Do subterrâneo no *Horto*: Auta de Souza e os mitos culturais sobre a poeta no século XIX”. Lendo poemas do livro publicado em 1900, a pesquisadora se opõe a como parte da fortuna crítica da obra, sustentando opiniões simplificadas acerca da autoria feminina, mistura personas poéticas construídas pela escritora potiguar e sua pessoa empírica. O artigo ressalta aspectos que teriam sido ignorados pela tradição crítica, a exemplo da temática homoerótica. Em um estudo sobre o fantástico na literatura brasileira, Ivson Bruno da Silva trata, em “Do sagrado ao profano: a metamorfose no conto *O castigo* de Jayme Griz”, do insólito na obra deste escritor pernambucano. Silva discute a influência das crendices e histórias de assombrações nas histórias contadas pelo autor e, de forma especial, como o tema da metamorfose – recorrente na literatura brasileira

– pode ser relacionado à dicotomia sagrado/profano no conto griziano.

Na seção **Tradução e Edição**, contamos com a contribuição de Cristóvão José dos Santos Júnior, um estudioso extremamente prolífero nos últimos meses, como seus trabalhos dedicados a Fulgêncio, o Mitógrafo, e à tradução de sua obra *De aetatibus mundi et hominis* [Das idades do mundo e da humanidade] para o português podem indicar. No presente artigo, “Os irmãos Esaú e Jacó e as irmãs Lia e Raquel, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução alipogramática do Livro V da *De aetatibus mundi et hominis*”, o estudioso faz considerações sobre esse trecho da obra, expondo algumas questões relativas à biografia e à produção desse autor da Antiguidade Tardia, concentrando-se na dimensão lipogramática desse livro específico (para o qual propõe uma tradução alipogramática, ou seja, sem tentar reproduzir em português esse recurso adotado pelo texto latino). Por seu turno, Ludmila Menezes Zwick, em “Edvard Munch em tradução: esboços e textos”, apresenta um trabalho multimídia ao traduzir do

norueguês ao português textos literários de um dos maiores artistas visuais dos últimos séculos. Zwick, partindo das estruturas originais, apresenta uma tradução dinâmica que nos atenta para as sobrevivências da imagem na escrita de Munch. É das pesquisadoras Maria Rita Drumond Viana e Marília Dantas Tenório Leite o artigo “*Orlando em traje de gala: a performance das imagens na biografia paródica de Woolf, em edição de Tomaz Tadeu (2015)*”. O texto aborda o paratexto editorial da edição de Tadeu que, pela primeira vez, inseriu no mercado literário do Brasil um outro perfil do texto e do modernismo woolfianos. Em “*The catcher in the rye: um histórico editorial das primeiras publicações do livro de J. D. Salinger nos Estados Unidos (1951-1963) e de sua edição no Brasil (1965 e 2019)*”, Flávia Denise Pires de Magalhães mapeia diferentes edições da obra à luz de D. F. McKenzie. A autora demonstra que o caso de Salinger é exemplar no que diz respeito aos interstícios existentes entre as funções de autores e de editores, partindo do controle

dos aspectos materiais do livro e da tentativa de mediação da obra com o público.

Na seção **Em Tese**, Daniela Schrickte Stoll oferece também uma importante reflexão sobre um tema introduzido e desenvolvido em artigo do **Dossiê** no presente volume, mas agora apresentando um estudo crítico de uma obra literária específica. Trata-se do artigo “*Diáspora africana, identidade negra e memória coletiva em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*”. Em sua proposta de análise desse romance da reconhecida escritora brasileira, a estudiosa desenvolve uma série de propostas para pensar sobre a construção da identidade afro-brasileira na obra, sobretudo a partir da noção de diáspora africana. O aporte teórico para essa análise crítica é bastante diversificado e oferece ainda um panorama interessante dessa dimensão teórica em seus possíveis desdobramentos.

Na seção dedicada a **Entrevistas**, Tiago de Holanda Padilha Vieira e Cesar Augusto López Nuñez conversam com o escritor Daniel Munduruku, que fala, entre outros

temas, acerca do que entende por “literatura militante” e das diferenças entre os pensamentos ocidental e indígena. Daniel também critica o governo Bolsonaro, classificado como “quadrilha disposta a destruir todo o patrimônio nacional”, e reflete sobre a pandemia da Covid-19, inclusive sobre o que se pode esperar depois que a doença for, digamos, controlada: “O sistema capitalista estará ainda mais guloso e virá com todo seu poder de sedução sobre nós”.

Uma segunda contribuição oferecida à seção é a entrevista que o prof. Nabil Araújo (UERJ), convidado participante da mesa de encerramento do SPLIT 2019, concede a Rafael Silva e Thiago Santana, por ocasião do lançamento de seu livro *Teoria da Literatura e História da Crítica: momentos decisivos* (EdUERJ, 2020). Aproveitando a oportunidade suscitada pelo surgimento dessa obra como um título já incontornável no horizonte bibliográfico da área de Letras no Brasil, os entrevistadores propõem uma série de perguntas nas quais o estudioso visita alguns dos pontos principais do trabalho, situando-o também no âmbito de sua produção anterior e

do que tem sido feito em termos de teoria literária e história da crítica no país e no mundo.

Na seção **Resenhas**, Pedro Barbosa Rudge Furtado comenta *Uma jornada como tantas*, sétimo romance do escritor sergipano Francisco J. C. Dantas, que estreou em 1991 com *Coivara da memória*. O resenhista avalia que o livro analisado emula com maestria o memorialismo. Furtado busca mostrar de que modo o narrador-personagem, Valdomiro, constrói certa poética da memória, marcada por elementos como culpa, desamparo e melancolia.

Na seção **Poéticas**, Marc Davi, capa desta edição, apresenta a fotoperformance “Da sensação de elasticidade quando se marcha sobre cadáveres”. O artista enuncia seu discurso a partir de diversas mídias que apontam para o confronto entre o caráter movediço das linguagens e a natureza arbitrária da substância que as constitui – e convocam os limites do corpo (e seus reguladores sociais) em direção a um tensionamento com o real. Davi parte da incompletude da matéria plástica para provocar um engajamento corporal

como veículo último de ameaça possível aos sistemas de domínio que incidem sobre o sujeito. Por sua vez, Renato Contente, na coletânea poética “Solidão Neon”, traz à baila flashes de uma Recife quente e marcada pelo iminente esfumaçamento do objeto amoroso. A epígrafe, que cita Wally Salomão, já dá o tom do que se lerá adiante: “escrever é se vingar da perda/ Embora o material tenha se derretido todo,/ igual queijo fundido”. Em versos carregados de homoerotismo, Contente revisita diferentes passagens de uma relação fadada à solidão, que dura tempo equivalente às chamas da “Camisa amarela”.

Ainda em **Poéticas**, Jéssica Martins Costa produz uma poética que opera sob o entrelaçar da interioridade com o mundo objectual. Seus três poemas incluídos na presente edição oferecem o vislumbre de uma escrita que tensiona o próprio processo de nomear. Encerrando a seção, com “O surgimento de uma travesti”, Samantha Collins Winchester testemunha as violências e os maravilhamentos que marcam seu processo de percebimento de gênero. Nascida em

e habitante de um pequeno distrito do interior de Minas, Winchester escreve sobre como o espaço ao seu redor foi definidor de muitas experiências, tanto traumáticas quanto de fortalecimento político.

*

Amanda Damasceno Batista
 Clarissa Xavier
 Felipe Cordeiro
 Otávio Augusto de Oliveira Moraes
 Rafael Silva
 Tiago de Holanda Padilha Vieira